

REMEMORAÇÕES E INVENÇÕES EM TORNO DE FESTAS E SILÊNCIOS

REMEMBRANCES AND CREATIONS AROUND FEASTS AND SILENCES

Rosana Baptistella

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Lilian Freitas Vilela

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo: Este artigo apresenta estudos da pesquisa de pós-doutorado de Rosana Baptistella, centrada nos temas memória, invenções, festas e silêncios. O texto revisita momentos em que esses temas se instalam no percurso da pesquisadora. Parte do arquivo de pesquisas de campo realizadas entre os anos de 1995 e 1998 no estado de Mato Grosso é compartilhada. A partir desse acervo, foram selecionadas fotografias cujas narrativas espelham, em imagens e *rememorações*, os temas estudados, à luz do pensamento benjaminiano.

Palavras-chave: memória; festas; silêncios.

Abstract: This article presents Rosana Baptistella’s post doctorate research, centred on the themes of memory, creations, feasts and silences. The text revisits the moments when those themes became part of the researcher’s pathway. It shares portions of the 1995 and 1998 Mato Grosso field research archive by means of selected photographs which, in accordance with Benjamin’s thoughts, mirror the studied themes.

Keywords: memory; feasts; silences.

Recebido em: 26/03/2026

Aceito em: 29/04/2026

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 17 n. 1, jan-jun 2026

Esta pesquisa¹²³ discute os temas memória, invenção, festas e silêncios¹²⁴, através de investigações teóricas e de análise de arquivos de pesquisas de campo, visando futuras contribuições para o campo das artes da cena, o ensino de arte e áreas afins. O estudo sobre a memória é realizado a partir da interlocução com Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin e Michel de Certeau. O tema da festa é abordado em diálogos com Luiz Antonio Simas e Carlos Rodrigues Brandão. O silêncio tem como principais referências Eni Puccinelli Orlandi e Susan Sontag.

A escolha dessas temáticas aconteceu ao longo da minha trajetória como artista da dança, pesquisadora e professora, em caminhos espiralados ora em amálgamas, ora em clivagens. Esses temas foram se estabelecendo, firmando-se e tornando-se necessários, se repetindo e sendo aprofundados a cada projeto desenvolvido, na educação (formal e não formal), no fazer artístico, na criação em dança e nos estudos e reflexões teóricas. Meu olhar passou a ter esse viés e se desdobrou nas direções e orientações de outros e outras profissionais da arte e da educação com quem trabalhei – e ainda trabalho.

A seguir, para contextualizar, narro parte dessas trilhas que me trouxeram até o presente momento. Início por uma *rememoração* que me é muito cara, pois lembro de detalhes do espetáculo, do lugar onde eu estava sentada na plateia e do impacto daquela obra cênica, em meu modo de ver o mundo.

Foi em 1983, em Campinas (SP). Os bailarinos dançavam “Os Estatutos do Homem – Ato Institucional Permanente”, texto escrito em 1964 por Thiago de Mello. Aquele texto e aqueles corpos em movimento trouxeram uma referência de dança que, à época, eu desconhecia. Bailarinas e bailarinos ora descalços, ora em sapatilhas de ponta; corpos *seminus*, depois vestidos com paletós, ternos e gravatas; em outro momento, com roupas festivas, saias esvoaçantes, coloridas e, mais à frente, roupas do cotidiano... Em algum momento, a paisagem sonora era de chuva. Se não me engano, era nessa cena que

¹²³ Pesquisa desenvolvida de abril de 2025 a março de 2026, pela Profa. Dra. Rosana Baptistella, durante o Pós-Doutorado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPG Artes) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), na linha de pesquisa “Estética e Poéticas Cênicas”, com a supervisão da Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela, professora do quadro permanente do Programa.

¹²⁴ Esses temas vêm sendo desenvolvidos em projetos coordenados pela pesquisadora, cadastrados na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a partir dos quais são orientados projetos de Mestrado (Profeduc), de Iniciação Científica (PIBICs) e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) que se desenvolvem na linha de pesquisa intitulada “Corpo, Leitura e Memória”, do Grupo de Pesquisa Poéticas e Educação em Dança – GPPED (CNPq//UEMS).

acontecia uma cena de tortura. Dançaram também algumas músicas, como se conversassem com elas – “Rosa de Hiroshima”¹²⁵, “Tatuagem”¹²⁶, “Cálice”¹²⁷, entre outras. Era o Ballet Stagium, há mais de quatro décadas, ousando dizer, naquele momento, em um espetáculo de dança, muito do que era brutalmente calado, em um silêncio ruidoso, ensurdecedor, violento, vivido por pessoas próximas e outras que, como eu, nascidas num período de ditadura militar e forte repressão, tentavam compreender aquele momento, lendo entrelinhas, pois pouco era dito – e nada era dito abertamente.

Nessa ocasião, o silêncio já se pronunciava e me intrigava.

O assunto voltou a vir à tona, décadas mais tarde, em setembro de 2009, quando participei do Ciclo de Palestras “O Silêncio em Cena”, no Instituto de Artes da Unicamp, cuja palestra de abertura fora proferida pela Profa. Dra. Eni Orlandi.

Desde então, venho me aproximando do tema que, a partir de 2024, passou a ser um campo de interesse importante em meu escopo de estudos e pesquisas, seja o silêncio que cala, silencia, oprime, seja o silêncio como pausa, fundamental para o som, para o movimento, para o gesto, ou seja ainda como um respiro.

Eni Orlandi (2007) apresenta o silêncio como fundante da linguagem. “Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz” (Orlandi, 2007, p. 14).

Trazendo a mesma reflexão para o silêncio do corpo e dos gestos, as pausas na dança, importantes para se respirar, refletir, condensar, são tão necessárias e essenciais à área do conhecimento, pois carregam significados. “Movimento, mas também relação incerta entre mudança e permanência se cruzam indistintamente no silêncio” (Orlandi, 2007, p. 13). O silêncio abre espaço para impermanências; permite quietude, amplitude, profundidade.

Em diálogo ou complementação, as festas sempre estiveram presentes em meu repertório de experiências. Desde a festa em que se é festejado, as festas de núcleos familiares e de amigos, até chegar às festas populares, de uma comunidade ou mesmo de uma cidade inteira. Tive a oportunidade de percebê-las como campo de pesquisa para

¹²⁵ Rosa de Hiroshima: poema de Vinicius de Moraes (1946), musicado por Gerson Conrad (1973) para a banda Secos e Molhados.

¹²⁶ Tatuagem: música de Chico Buarque e Ruy Guerra (1973).

¹²⁷ Cálice: música de Chico Buarque e Gilberto Gil, escrita em 1973 e lançada em 1978.

dança, a partir de meu primeiro contato com Antonio Nóbrega¹²⁸, grande mestre, quando ele ministrou o curso de extensão “A Cartilha do Frevo e Danças do Nordeste”, na Unicamp, em 1986. Desde então, mergulhei nas danças brasileiras e festas populares, em estudos práticos, teóricos e em pesquisas de campo, e esses temas seguiram sendo parte importante de meu espectro de pesquisa e atuação artística e docente.

“Alguma coisa ocorre no tempo, uma voz que fala e aponta para o que antecede e para o que sucede uma declaração: o silêncio” (Sontag, 1987, p. 29). A festa é uma forma dessa declaração, ação, evento; comemoração que, além de ser uma exacerbação do cotidiano, é resistência e celebração. O silêncio é o que vem antes e o que vem depois de uma fala, de um gesto, de um acontecimento. “As noções de silêncio, vazio e redução delineiam novas receitas para os atos do olhar, ouvir, etc.” (Sontag, 1987, p. 20). Sons e silêncios, assim como presenças e ausências, se complementam, se cruzam.

Festas são lugares onde pode-se reafirmar identidades, propiciando aos indivíduos a confirmação do pertencimento a uma comunidade, a um grupo, seja familiar, religioso, de amizade, de trabalho, do bairro em que se mora, da escola em que se estuda. Comemoramos, festejamos, dançamos, nas ruas, nas casas, nos quintais, nos barracões, nos terreiros, para lembrar ou para esquecer (Gagnebin, 2009): para *rememorar* (Benjamin, 1994).

Transfigurar o cotidiano e subverter as rotinas ordinárias são funções intrínsecas à festa. Principalmente quando acontecem em ruas e praças, há uma permissividade para se sair das contenções do cotidiano, para “*festar*, palavra brasileira que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma *festa popular*” (Brandão, 1989, p. 13). Gestos geralmente mais eloquentes por parte da maioria das pessoas, assim como danças presentes nas festas, ecoam na memória e no corpo das pessoas, por serem feitas de movimentos e de sentidos que exasperam e transgridem a ordem das coisas do dia a dia – e significam.

Antonio Bispo dos Santos traz uma distinção entre festa e furdunço:

Nas nossas comunidades, havia as pessoas que fabricavam instrumentos musicais e as pessoas que os tocavam. Alguns fabricavam e tocavam,

¹²⁸ Antonio Nóbrega nasceu em Recife (PE). Integrou o Quinteto Armorial, a convite de Ariano Suassuna. Desde 1976, desenvolve um estilo próprio de criação em artes cênicas e música, possuindo um grande repertório de espetáculos. Idealizou e dirige, junto a Rosane Almeida, o Instituto Brincante, em São Paulo.

outros cantavam. Nas festas, todos revezavam. As festas não eram mercadoria. Minha avó dizia que tinha a festa e tinha o furdunço. A festa era uma comemoração, um festejo, uma manifestação de alegria. E o furdunço era aquele movimento feito de forma oportunista para ganhar dinheiro, sem relação com a vida, sem autenticidade. Quando não se estava festejando nada, ela chamava de furdunço. (Santos, 2023, p. 40)

As festas que referencio nesta pesquisa sempre estão comemorando uma pessoa, um acontecimento, uma conquista, uma data a ser lembrada, uma tradição. Cada um dos elementos presentes tem um motivo para estar ali e é valorizado, reconhecido pela comunidade. Falas, cantos, músicas, gestos, rezas, cores, fitas, bandeiras, altares, brincadeiras, risos, lamentos, coisas, paisagens, muita gente. Gente, pessoa, em abundância. E todas importam. O tempo dilata-se e os excessos, tanto quanto as desimportâncias - como as dos poemas de Manoel de Barros (Barros, 2008) -, têm ali o seu lugar.

O que parece ser um contraponto às festas, mas, na maioria delas, é um elemento essencial, pois ressignificações da vida pedem pausas, é o silêncio. É parte integrante da festa, principalmente se olharmos para o antes e o depois do evento festivo: os preparativos e o encerramento.

Nos lugares em que estive, presenciei preparações que exigiam concentração, introspecção, respeito e silêncio. Preparação do espaço, do alimento, das vestes, dos objetos, da comida, da música, dos instrumentos, do espírito. O encerramento é também parte do rito; é o momento quando tudo está ainda suspenso, reverberando, pulsando; pode ser um momento de reflexão, de cansaço, de sentimento de dever cumprido... sendo menos ruidoso.

Enveredei por estados brasileiros, pretendendo ver de perto manifestações em que a dança fosse um dos elementos-chave. Foi no Centro-Oeste, em Mato Grosso, onde desenvolvi uma pesquisa¹²⁹ ampla e imersiva nesse universo, de 1995 a 1998, construindo um acervo constituído por fotos, vídeos e áudios.

No material de campo revisitado, a atenção é voltada às mestras e aos mestres da cultura popular, assim como a demais brincantes, foliões e participantes desses universos das manifestações culturais populares que encontrei em minhas andanças em pesquisas

¹²⁹ Projeto de autoria e coordenado por Rosana Baptistella, intitulado “Manifestações Culturais Populares de Mato Grosso – pesquisa, registro e difusão”, desenvolvido na Secretarias de Cultura do Estado de Mato Grosso (MT), em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação e de Comunicação.

de campo. Consigo imaginá-los compondo o rol de pessoas a quem Michel de Certeau (2014) dedica a primeira parte de seu livro “A Invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer”: ao “homem ordinário, herói comum, personagem disseminada, andarilho inumerável” (2014, p. 55); nessa frase, vejo as pessoas que conheci, que carregam uma simplicidade e, ao mesmo tempo, uma sabedoria, uma altivez e dignidade, intrínsecas à sua postura, à sua fala, a seus atos.

Luiz Antonio Simas (2022), professor, historiador, escritor, educador, compositor e pesquisador da cultura popular, em especial a rua, o carnaval, o boteco e o terreiro, na introdução de seu livro “Pedrinhas miudinhas”, traz também alguns desses personagens, em meio a tantos outros:

Interessam-me foliões anônimos, (...) retirantes, devotos, iaôs, ogãs, ajuremados, feirantes, motoristas, capoeiras, jongueiros, pretos velhos, violeiros, cordelistas, mestres de marujada, moças do Cordão Encarnado, meninos descalços, goleiros frangueiros e romances de subúrbio, embalados ao som de uma velha marcha-rancho, triste de marré deci, que ninguém canta mais. (Simas, 2022, p. 13)

Essas pessoas que ficam à margem no dia a dia, vi trazerem uma inventividade marginal e original em suas ações. Marginal, como no sentido dado a essa palavra, por Paulo Leminski (2017, p. 53): “marginal é quem escreve à margem, deixando branca a página para que a paisagem passe e deixe tudo claro à sua passagem”. Uma forma estratégica de estar no mundo e seguir fazendo o que acredita que tem que ser feito, sem ter que seguir as regras de quem está sob holofotes, no centro das atenções. E original, no sentido de serem originadas nas amálgamas criadas diferentemente por cada um que experiencia esse universo, fundindo popular e erudito, sem que um prevaleça ou tenha maior importância que o outro.

Que se cruzem as filosofias diversas, no sarapatel que une Bach e Pixinguinha, as semânticas do *Grande Sertão* e a semântica da sassanha das folhas, Heráclito e Exu, Spinoza e Pastinha, a biblioteca e a biosca. Que se cruzem notebook e bola, tambor e livro, para que os corpos leiam e bailem na aventura maior do caminho que descortina o ser naquele espaço que chega a ser maior que o mundo: a rua. (Simas, 2022, p. 56)

Assim, a fundamentação deste estudo relaciona memória, festa e silêncio, conectados entre si, ora de forma amalgamada, ora separadamente, lendo as imagens de pesquisas de campo anteriores, como arquivos e como memória daquelas pessoas, de suas comunidades e ainda as minhas memórias/ *rememorações* dessas experiências.

Um dos momentos muito marcantes é a saudação à abandeira da festa; é um momento de uma beleza única; muitas vezes há filas e todos caminham por ela, com vagar, respeito, introspecção, agradecimentos e pedidos.

Figura 1. Cururueiros saúdam a bandeira de São João.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Cuiabá/MT, junho/1996.

Como meu filtro para o conhecimento é o corpo em movimento, as questões que moveram minha observação foram: como essas manifestações perpassam o corpo e se inscrevem nele? Mais do que disparador ou dispositivo, olhei para essas festas como constitutivas dos sujeitos: o que provocam nesses corpos e nessas pessoas, em suas histórias? E o que a pessoa provoca, de volta, na manifestação? Como lê e como é lida?

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 17 n. 1, jan-jun 2026

Figura 2. Devota de São Gonçalo beija a bandeira da festa.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Barra do Bugres/MT, maio de 1996.

Figura 3. Cururueiros tocam viola de cocho e ganzá, saudando a bandeira de São Gonçalo.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Cáceres/MT, janeiro de 1996.

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 17 n. 1, jan-un 2026

Empresto o conceito de *biblioteca vivida* de Goulemot (2011, p. 113) que, referindo-se ao campo da leitura, diz que é raro que leiamos algo desconhecido, pois temos leituras anteriores e dados culturais que nos levam a termos expectativas, fazemos comparações e ponderações. “Todo saber anterior – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas (...)” (Goulemot, 2011, p. 115) influenciam nossa leitura, ou seja, a experiência anterior e a memória situam nosso olhar, nossa recepção, nossa experiência – não só na leitura.

A memória não é fixa, não está dada, pronta; é construída, reconstruída, rememorada, inventada. A memória luta contra o esquecimento, mas esquecer é parte imprescindível do lembrar. Nós não descrevemos o passado, mas o articulamos (Benjamin, 1994), assim como o manto que Penélope da Odisseia¹³⁰ tece de dia e desmancha de noite, que pode estar relacionado ao lembrar ou, como Benjamin questiona, ao esquecimento.

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem viveu. [...] Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? [...] Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos (...) seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Cada dia, com suas ações intencionais e, mais ainda, com suas reminiscências intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do esquecimento. (Benjamin, 1994, p. 37)

Em campo, conversando com os fazedores da cultura onde pesquisei, esse movimento de *rememoração*, lembrar e esquecer acontecia o tempo todo. As falas vinham transbordando lembranças; recorriam a outras pessoas, para validarem uma memória, assim como a fotos e objetos; descreviam paisagens, acontecimentos, cantavam,

¹³⁰ Odisseia, atribuída a Homero, é um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga. Relata o regresso de Odisseu, que levou 10 anos para chegar à sua terra natal, Ítaca, depois da Guerra de Troia. Penélope, sua esposa, o espera; no entanto, acreditando que Odisseu esteja morto, há muitos pretendentes ocupando sua casa; ela promete escolher um deles para ser seu marido, quando acabar de tecer um véu, um manto, que ela tece de dia e desfia secretamente, à noite.

batucavam, como quem retorna à cena que está descrevendo. E, com esses movimentos e essas narrativas, iam rememorando, reinventando o que estavam contando.

Em minha *rememoração* desses momentos, entre fotografias, registros escritos em diários de campo, transcrições de gravações em áudio e em audiovisual, revivo sensações, revejo as expressões daquelas pessoas com quem compartilhei vários dias, no preparo e na experiência de suas festas, relembro suas vozes, seus gestos, suas movimentações pelo espaço, os cheiros e os sabores dos lugares e das comidas, sempre fartas.

Nesse campo da memória, da *rememoração*, não pode-se deixar de mencionar a madeleine de Proust, que o transporta à infância, quando sente o gosto do pequeno bolo molhado no chá, como sua tia Léonie servia a ele, aos domingos de manhã

Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa [...] E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedacinho de madeleine que minha tia Léonie me dava aos domingos pela manhã (...), quando ia lhe dar bom dia no seu quarto, depois de mergulhá-lo em sua infusão de chá ou de tília. (Proust, 2006, p. 50)

Curiosamente, no estado de Mato Grosso (MT), há o tradicional chá com bolo, que se diz “Tcha c’o bolo”, principalmente em Cuiabá e seus arredores.

A cultura, no período em que estive imersa na pesquisa em MT, era bastante diferente nos extremos leste e oeste do estado. A oeste, o município de Vila Bela da Santíssima Trindade, que faz divisa com a Bolívia e foi a primeira capital mato-grossense, banhada pelo Rio Guaporé, com seus botos e vitórias-régias, carrega muitas histórias. Quando lá estive, ocorriam em julho as “festações” que fechavam o ciclo da peregrinação da bandeira da Folia do Divino, abarcavam ainda a Festa das Três Pessoas da Santíssima Trindade e de São Benedito, onde a Dança do Congo e o Chorado aconteciam.

A leste, na fronteira com o estado de Goiás, na região do encontro dos rios Araguaia e Garças, as Folias de Reis eram bastante presentes, nos meses de dezembro e janeiro. Em Ribeirãozinho, consegui acompanhar a Folia por vários dias, de casa em casa, com a bandeira à frente e a proteção do Palhaço ou Vovô, como era chamado o guardião da Folia, nesse lugar. Com um bastão e uma máscara de papelão com pele de animal no lugar da barba, o Palhaço da Folia não entra nas casas, mas protege o grupo e a bandeira.

Figura 4. Rio Guaporé, família pescando.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, julho/1995.

Figura 5. Dança do Congo à frente das ruínas da antiga Igreja.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, julho/1995.

Figuras 6 e 7. Palhaço ou Vovô da Folia de Reis, à frente da casa.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Ribeirãozinho/MT, dezembro/1995.

Os foliões agradecem, festando e dançando, nas casas em que são recebidos com comidas e bebidas, em seu giro com a bandeira da Folia de Reis.

Antes de entrar nas casas, pedem licença. Uma das músicas que os mestres, alferes da bandeira e foliões cantam na porta das casas, que registrei, diz assim: “ô de casa, ô de fora, nesse lar quero entrar (nesse lar quero entrar)/ Aqui está os Santos Reis, que veio lhe visitar (que veio lhe visitar)”.

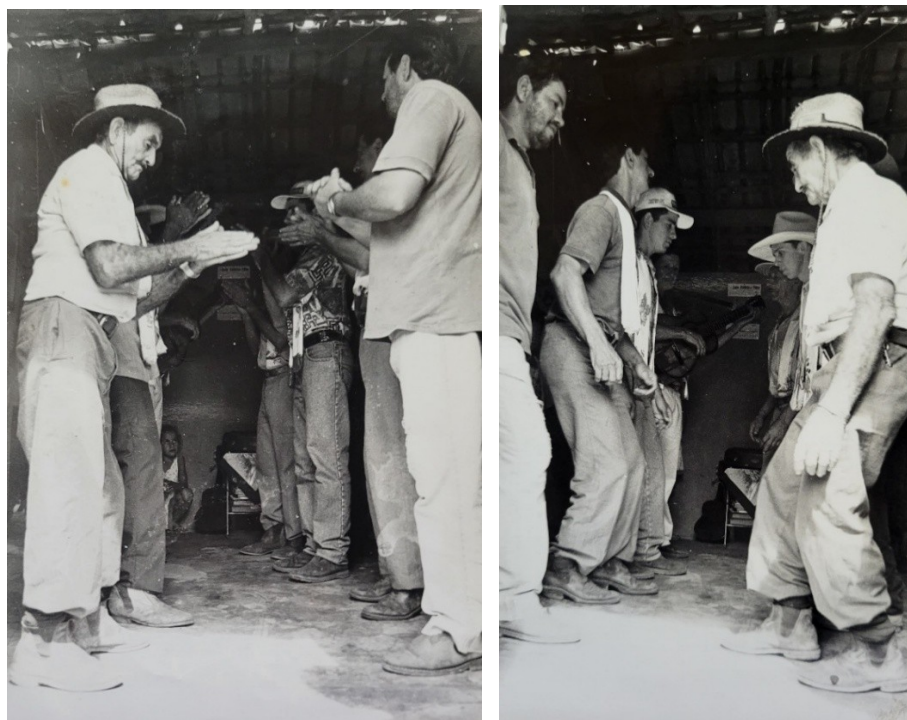
Aberta a porta, a dona da casa ou o dono da casa assume a bandeira e a leva para todos os cômodos. No interior das casas, os foliões, mestres e devotos cantam, rezam, agradecem as graças alcançadas, fazem promessas e se emocionam. Ajoelham em frente ao altar, aonde está o presépio e ajoelham carregando a bandeira.

Figuras 8 e 9. Interior de uma casa que recebeu a bandeira da Folia de Reis.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Ribeirãozinho/MT, dezembro/1995.

Imagens 10 e 11. Foliões de Ribeirãozinho dançam catira, em uma casa que os recebeu.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Ribeirãozinho/MT, dezembro/1995.

Figuras 12 e 13. Mulheres e homens da Folia de Reis de Araguaiana dançam, agradecendo a bebida e comida em uma casa que os recebeu com farta refeição.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Araguaiana/MT, novembro/1995.

As fotos deste artigo foram eleitas para dialogar com as questões da *rememoração* e com o momento atual dessa pesquisa. No entanto, é importante pontuar que o arquivo a que esse texto se refere é composto por cerca de 700 fotografias impressas (de um tempo em que as fotos eram reveladas, dos rolos de negativos), 20 fitas cassete de 60 minutos cada, com áudios de entrevistas, festas, músicas, 10 fitas (U-Matic e VHS), com 2 horas de gravação cada, relatórios, transcrições de áudios e organizações das fitas de vídeo. A pesquisa abarcou dez municípios e suas respectivas manifestações.

A memória pode atuar como uma preservação de si mesmo, mas, ao mesmo tempo, ao debruçar sobre o material das memórias e dos esquecimentos não se tem garantias de apropriação do real ou da veracidade das informações lembradas. É fato que um mesmo acontecimento pode ser registrado na memória de duas pessoas presenciais ao momento de forma distinta sem, no entanto, que nenhuma das duas esteja equivocada com seus registros. (Vilela, 2013, p. 25)

É um material muito extenso, que sigo estudando, organizando, analisando, *rememorando*, buscando nessas imagens e nessas histórias um *reencantamento* do mundo (Simas, 2022), que possa contribuir para o campo das artes da cena, para o ensino de arte e áreas afins.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTELLA, Rosana. Ensaio sobre o silêncio. Corpo - Palavra - Imagem. In: COSTA, Daniel S.(org.). **Corpo e diásporas performativas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019, p. 295-308.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin - obras escolhidas - magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BRANDÃO, Carlos R. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 107-116.
- LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2006.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- SONTAG, Susan. **A vontade radical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VILELA, Lilian. **Uma vida em dança: movimentos e percursos de Denise Stutz**. São Paulo: Annablume, 2013.